

REPRESENTAÇÕES SOBRE HOMOSSEXUALIDADES E ESPORTES: DESDOBRAMENTOS PARA O CAMPO DO LAZER

Recebido em: 17/09/2013

Aceito em: 25/02/2014

Luiza Aguiar dos Anjos¹
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Esse artigo analisa discursos de sites de quatro jornais acerca de um episódio no qual torcedores de uma equipe de voleibol ofenderam um atleta com expressões homofóbicas ao longo de uma partida. As falas encontradas apontam para uma reiteração da heteronormatividade e do alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade. Nota-se ainda, representações estereotipadas acerca dos esportes e de seus sujeitos, com destaque para argumentações que entendem o vôlei enquanto um *esporte de massa*, nas quais as manifestações de homofobia são tidas como intrínsecas ao esporte, e para as que o vêem como *esporte de elite*, as quais, por sua vez, defendem que as expressões são inapropriadas para tal espaço. Por fim, defende-se que o questionamento de tais representações dos esportes e das homossexualidades, que alimentam o controle social do uso dos corpos, são fundamental para a livre experimentação das diversas possibilidades de lazer.

PALAVRAS CHAVE: Homossexualidade. Esportes. Atividades de Lazer.

REPRESENTATIONS ABOUT HOMOSSEXUALITIES AND SPORTS: DEVELOPMENTS TO THE FIELD OF LEISURE

ABSTRACT: This article examines discourses of websites of four newspapers about an episode in which fans of a volleyball team offended an athlete with homophobic expressions throughout a match. The statements found suggest a reiteration of the heteronormativity and the alignment between sex, gender and sexuality. Stereotypical representations about sports and their subjects are also noted, with emphasis on the arguments that understand volleyball as a *mass sport*, in which homophobia is seen as intrinsic to the sport, and to those where it is seen as an *elite sport*, that defend that the expressions are inappropriate for such a space. Finally, it is argued that questioning such representations of sports and homosexualities, are feed the social control of the use of the bodies, is essential for the free experimentation of various leisure possibilities.

KEYWORDS: Homosexuality. Sports. Leisure Activities.

Introdução

¹ Mestre em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Rede Municipal de Belo Horizonte.

Desde a infância, meninos e meninas são ensinados a agir dentro de determinados padrões. Meninas devem fechar as pernas, cuidar da aparência, brincar de boneca. Meninos devem jogar bola, brincar de carrinho e falar grosso. E, com frequência, a inadequação a esse modelo é considerada um indício de homossexualidade.

Tomando o esporte enquanto cenário esse artigo, recorte de minha já concluída dissertação de mestrado, analisa como certos padrões de gênero e de sexualidade são expressos em nosso cotidiano de forma natural, e por vezes irrefletida, reforçando modelos e estereótipos que depreciam sujeitos fora da norma. A partir dessa discussão, defendo que determinadas representações dos esportes e imposições que regulam *o ser homem* e *o ser mulher* legitimam ou não a participação dos sujeitos em determinadas práticas.

Teço minhas análises a partir de textos – matérias e comentários de leitores – publicados nos sites dos jornais, *Estado de Minas*, *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo* acerca das manifestações homofóbicas de uma torcida ocorridas em um jogo de vôlei entre Sada Cruzeiro e Vôlei Futuro no ano de 2011² – que nomeio como *episódio Michael*, em diálogo com outras pesquisas.

A partir de uma organização do material em categorias, criadas do conteúdo encontrado, a análise dos dados é feita na perspectiva de uma abordagem discursiva (HALL, 1997), fazendo uso da noção foucaultiana de discurso. Dentro dessa perspectiva, o discurso está necessariamente associado ao poder e a constituição de

² Nesse episódio, durante a semi-final da Superliga masculina de Voleibol, os torcedores do Cruzeiro, quase em totalidade, ofenderam ao longo de toda a partida o jogador Michael, do Vôlei Futuro, que depois do ocorrido assumiu sua homossexualidade.

Os textos foram extraídos dos sites dos jornais no intervalo entre 31 de março de 2011 e 31 de agosto de 2011, período que visou apreender a totalidade de textos sobre o ocorrido. O confronto entre as duas equipes envolveu três partidas disputadas nos dias 01, 09 e 15 de abril de 2011, período no qual o caso manteve-se constantemente em pauta.

saberes. Assim, os textos analisados são vistos como discursos que refletem não um mundo “tal como ele é”, mas representações, produtos da atribuição de sentidos de tudo que nos cerca. Nesse sentido, uma abordagem discursiva preocupa-se em compreender como o conhecimento produzido pelos discursos relaciona-se com o poder, regulando condutas, construindo identidades e subjetividades e definindo a forma como as coisas são representadas, pensadas, praticadas (HALL, 1997).

Esse texto se divide assim, em três partes. Na primeira, discuto as representações encontradas acerca das homossexualidades, e as expressões de homofobia, embasada nos referenciais dos Estudos de Gênero e Teoria *Queer*. Na segunda, abordo as representações dos esportes, mais especificamente do vôlei e do futebol, e de que maneira elas legitimam um modelo de participante – jogador, torcedor, treinador, etc. Na terceira, relaciono as duas discussões, analisando suas implicações para o campo do lazer.

Discursos sobre homossexualidades e homofobia no episódio Michael

Em seus três volumes de História da Sexualidade, Foucault (1988) demonstrou como os desejos e prazeres, os usos do corpo, o controle e as manifestações sobre o sexo modificaram-se ao longo do tempo. Concordando com o autor, entendo que o que identificamos e nomeamos hoje como homossexualidade é um produto de uma construção histórico-cultural, não sendo passível de uma definição que a caracterize de forma íntegra, sendo entendida e reconhecida de forma distinta em tempos, espaços e culturas diferentes (FRY; MACRAE, 1983; CUNHA JR.; MELO, 1996). Em consequência, as expressões de preconceito contra ela desenvolvidas são, também, diversas (CUNHA JR.; MELO, 1996).

Segundo Foucault (1988) até o fim do século XVIII três grandes códigos explícitos – além das normas consuetudinárias – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles eram, assim, os responsáveis pelo estabelecimento de fronteiras que separavam o lícito do ilícito. Nesse quadro, a relação matrimonial era o foco das constrictões, sendo coberta de regras e recomendações. “O “resto” permanecia muito mais confuso: atentemos para a incerteza do status da “sodomia” ou a indiferença diante da sexualidade das crianças” (FOUCAULT, 1988, p. 44). Assim, o autor explica que não havia maiores distinções entre a natureza de infrações de cunho sexual, sendo elas divididas apenas por sua gravidade.

Já no século XIX, ainda segundo Foucault, a sexualidade dos adultos, mesmo que talvez funcionando sob normas mais rigorosas, caminha para a maior discrição, e, paulatinamente, começam a ser definidos contornos das sexualidades periféricas que limitarão as fronteiras da sexualidade regular. Práticas anteriormente condenadas, como o adultério, sedução de religiosos, sadismo e violação de cadáveres ganham autonomia, passando a ser analisadas como coisas essencialmente diferentes.

Se por um lado a severidade dos códigos impostos pela justiça se atenuou no século XIX, outra entidade toma frente no controle dos desvios sexuais: a medicina. Por meio da determinação de um “desenvolvimento normal” e da classificação de patologias e perturbações, ela se torna a maior responsável pela gestão dos desejos. Aqui, o importante a ser analisado não é a transferência de autoridade, mas a alteração dos mecanismos de poder a que se recorre. Não ocasionalmente, é nesse momento, em que o discurso científico toma frente ao discurso religioso – controlado por estruturas jurídicas –, que ocorre o surgimento do homossexual³ (FOUCAULT, 1988; LOURO, 2009). Se

³ Foucault afirma que uma possível primeira referência do termo é o artigo de Westphal, do ano de 1870.

antes os autores da sodomia eram apenas sujeitos jurídicos, a criação do rótulo, mais do que identificar e nomear, determina a criação de um personagem. Se “o sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 51)⁴.

Essa nova espécie passa, então, a ser posicionada de forma relacional ante seu oposto direto: o heterossexual. Essa diferenciação e classificação, pautadas em discursos científicos e sob o ponto de vista da saúde, moral e higiene, estabelecem ainda uma hierarquia entre as duas categorias, uma forma tida como norma ou padrão e a outra como desvio (LOURO, 2009). Aos desviantes homossexuais, resta, assim, o desprezo, a segregação, a rejeição e a violência.

A identificação do homossexual dentro de um estereótipo estável e unificado, e posicionado em oposição ao heterossexual também não tardou a ser desestabilizada no curso das mudanças sociais. Na atualidade, tanto nos movimentos sociais, quanto nos ambientes acadêmicos, é possível identificar um clamor pela pluralidade das formas de ser e se expressar enquanto um sujeito sexuado e generificado. Esse processo de flexibilização dos modos de ser e estar no mundo é notado não apenas do que tange às sexualidades, mas em todas as dimensões do sujeito. Essa modificação é explicada por Hall (2003) a partir do que o autor chama de “crise de identidade”, um processo amplo de mudança que abala quadros de referência que davam estabilidade aos indivíduos no mundo social. Nesse novo paradigma, as identidades passam a ser constituídas de múltiplas facetas – religiosas, sexuais, étnicas, profissionais, nacionais, linguísticas, de

⁴ Foucault (1988) entende que houve quatro operações no estabelecimento dessa nova forma de poder sobre as sexualidades: 1.A Substituição da penalidade exercida pela lei, pela tática do adestramento, ao mobilizar a sociedade a partir de argumentos de legitimidade científica; 2.A especificação dos indivíduos, não excluindo-os, mas classificando-os e analisando-os; 3.O aumento da curiosidade e sensualização dos corpos, a partir das medidas mesmas que visam controlá-los; 4.A proliferação de *dispositivos de saturação sexual*, como a família, as salas de aula, os dormitórios. Espaços que disseminam sexualidades múltiplas, que vão muito além da sexualidade conjugal, heterossexual e monogâmica, a partir de novas organizações que redistribuem o jogo dos prazeres e poderes. Para melhor compreensão, ver Foucault (1988, p. 48-57).

classe – que se contrapõem e por vezes se contradizem, e estão em constante mudança, sendo produzidas pelas diversas instâncias sociais das quais o sujeito participa. Os indivíduos, até então unificados, assumem, então, identidades “descentradas”, deslocadas, fragmentadas.

Tratando dessa mudança ideológica dentro do Movimento LGBT, Louro (2001 p. 543) afirma que, ao longo da década de 1970, o movimento propunha um projeto coletivo que “buscava alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente”, afirmando, discursiva e praticamente, uma identidade homossexual. Nas décadas seguintes, apesar do sucesso desse modelo em dar maior visibilidade a gays e lésbicas, emergiram críticas internas de grupos que não se viam representados e que tinham suas reivindicações secundarizadas, mantendo sua condição de marginalizados. Sobretudo lésbicas, negros, latinos e jovens questionavam que as campanhas políticas do movimento estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média e adotavam, sem questionar, ideais convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico. Sobre essas críticas, Louro (2001) afirma que:

Mais do que diferentes prioridades políticas defendidas pelos vários ‘sub-grupos’, o que estava sendo posto em xeque, nesses debates era a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de tal política de identidade (LOURO, 2001, p. 544-545).

Assim, a teoria passa a analisar esse quadro não apenas por meio do questionamento de mecanismos de poder que hierarquizam categorias sociais (mulheres/homens, homossexuais/heterossexuais), mas pelo questionamento das próprias categorias enquanto estruturas fixas. Fica, então, cada vez mais evidente que esquemas binários não são capazes de explicar os sujeitos e suas relações. Louro, contudo, enfatiza que:

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas

apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2001, p. 542).

Ainda para a autora, as mudanças observadas nas teorias e nos movimentos é uma via de mão dupla. “A nova dinâmica dos movimentos sexuais e de gênero provoca mudanças nas teorias e, ao mesmo tempo, é alimentada por elas” (LOURO, 2001, p. 546).

É importante pontuar que a multiplicidade das formas de se vivenciar as homossexualidades não é uma condição já conquistada. Como discuto mais adiante neste artigo, ainda são muitos e poderosos os discursos que advogam a favor da manutenção de certos padrões de sexualidade e de gênero.

Junto à noção de homossexualidades, é pertinente compreender, também, o surgimento do termo homofobia. Para Borillo (2001), o termo foi usado pela primeira vez, em um artigo de K. T. Smith, que tratava das características de uma personalidade homofóbica. Isso indica que até então, as atitudes de discriminação e intolerância contra homossexuais não recebiam atenção suficiente para gerar uma denominação específica.

Para Borillo (2001), o fenômeno da homofobia torna-se um importante elemento de análise uma vez que, atualmente, em vez de estudarmos o comportamento homossexual, tratado no passado como uma aberração, a atenção está centrada na compreensão das razões que levaram a reconhecer esta forma de sexualidade como anormal.

Compreender as manifestações homofóbicas, segundo Leal e Carvalho (2009), ultrapassa os estudos isolados de preconceito social e de cunho psicanalítico, exigindo atenção às relações de poder, de gênero e de sexualidade presentes na cultura e que definem a própria constituição dos indivíduos. Dessa forma, a homofobia, como o

sexismo e a violência de gênero, manifesta-se tanto na esfera do indivíduo – na relação com si e com o outro – quanto nas matrizes culturais de uma sociedade.

Nas matérias dos sites analisadas, não há consenso sobre o fato das manifestações da torcida terem sido um ato de preconceito. No site do Estado de Minas, com grande frequência, os jornalistas não confirmam nem negam a presença de homofobia nas manifestações dos torcedores cruzeirenses, preferindo afirmar que houve uma *denúncia* ou *acusação* por parte do clube paulista ou do jogador. Já nos sites dos jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e O Globo, o caráter homofóbico das manifestações não é posto em dúvida, contudo as matérias não se prestam a problematizar ou analisar a questão sob uma perspectiva de sexualidade e/ou gênero.

Também entre os clubes há divergência. Enquanto o Vôlei Futuro protestou contra o ocorrido, o Sada Cruzeiro refutou as afirmações, utilizando de dois argumentos: 1) as acusações da equipe adversária são formas de se aproveitar da situação com o intuito de desestabilizar o adversário para o próximo confronto; 2) manifestações semelhantes já teriam sido observadas em diversas outras partidas.

A abordagem simplista e acrítica dos veículos de comunicação e os argumentos questionáveis do Cruzeiro são indícios da dificuldade de se discutir as homossexualidades de forma aberta e questionadora. Esses são sintomas do contexto social que não podem ser ignorados quando analisamos a homofobia.

Esse fenômeno tem suas raízes imbricadas à heteronormatividade, sendo essa entendida como a histórica naturalização da heterossexualidade como referência à normalidade do comportamento e identidade sexual. A matriz heteronormativa pressupõe que a ideia de masculinidade repousa sobre a repressão necessária de

aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e introduz o conflito na oposição do masculino e do feminino.

As noções de masculinidade e feminilidade são comumente relacionadas ao gênero. O gênero é compreendido nesse trabalho enquanto uma organização social entre os sexos, que considera as imposições sociais que definem modelos de *ser homem* e *ser mulher*. É, assim, uma importante categoria para a problematização de tais padrões.

Essa organização não é entendida enquanto um produto direto do sexo, constituído a partir de uma relação causal ou fixa. Butler (1986) chega a afirmar que, levando a distinção de corpo (sexo) e gênero ao seu limite, podemos entender que o corpo feminino seria apenas um lócus arbitrário do gênero *mulher* e não há motivo para que esse mesmo corpo não seja o lócus de alguma outra construção de gênero. A autora acrescenta também que “ainda que os sexos pareçam inquestionavelmente ser dois, em sua morfologia e construção (o que virá a se tornar uma dúvida), não há razão para assumir que os gêneros devem, também, manterem-se como dois” (BUTLER, 2006, p. 9. Tradução livre do inglês)⁵.

O distanciamento de gênero enquanto uma identidade fixa, coerente, constante e, conseqüentemente, dualizada é explicada por Butler (2006) a partir do conceito de performatividade. Para a autora, ao construirmos uma expectativa de gênero, constituímos uma espécie de essência a ser descoberta, uma expectativa que acaba produzindo o exato fenômeno pelo qual esperávamos. Assim, é a própria antecipação do gênero que acaba por produzir aquilo que se postula estar fora do sujeito. Além disso, ela defende que o gênero impõe sua existência no cotidiano, no engajamento constantemente repetido em determinados comportamentos, valores e ideais, alcançando

⁵ “[...] even if the sexes appear to be unproblematically binary in their morphology and constitution (which will become a question), there is no reason to assume that genders ought also to remain as two.”

seus efeitos por meio de sua naturalização. A visão de que o gênero é performativo, dessa forma,

busca mostrar que o que entendemos ser uma essência interna de gênero é construída através de um sustentado conjunto de atos, postulados através de uma estilização generificada do corpo. Dessa forma, ele mostrou que o que pensamos ser uma característica “interna” de nós mesmos é algo que antecipamos e produzimos através de certos atos corporais, em um extremo, efeitos alucinatórios de gestos naturalizados (BUTLER, 2006, p. 15-16. Tradução livre do inglês)⁶.

Assim, as normas de gênero são reiteradas e constantemente legitimadas pela expressão e repetição dessas mesmas normas pela via prática, pelas performances.

Mais adiante, a regulação de gênero e da sexualidade repousa, com frequência, sob expectativas de identidades coerentes, especialmente constituídas a partir de um alinhamento entre sexo, desejo – ou sexualidade⁷ – e gênero. Sob essa lógica, homens (machos) necessariamente deveriam desenvolver afetos e desejos por mulheres (heterossexuais) e possuir características ligadas à virilidade e agressividade (masculinos). As mulheres (fêmeas), por sua vez, deveriam ser sexualmente e afetivamente atraídas por homens (heterossexuais) e ter traços ligados à sensibilidade e à graciosidade (feminilidade). Como explica Louro (2009), tal controle apresenta muitos desdobramentos:

Esse alinhamento (entre sexo-gênero-sexualidade) dá sustentação ao processo de heteronormatividade, ou seja, à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual. Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais – daí que os sistemas de saúde ou de educação, o jurídico ou o midiático sejam construídos à imagem e à semelhança desses sujeitos. São eles que estão plenamente qualificados para usufruir desses sistemas ou de seus serviços e para receber os benefícios do Estado. Os outros, que fogem à norma, poderão na melhor das hipóteses ser reeducados, reformados

⁶ “[...] sought to show that what we take to be an internal essence of gender is manufactured through a sustained set of acts, posited through the gendered stylization of the body. In this way, it showed that what we take to be an ‘internal’ feature of ourselves is one that we anticipate and produce through certain body acts, at an extreme, an hallucinatory effect of naturalized gestures.”

⁷ Para tratar do mesmo fenômeno, Judith Butler faz uso do termo *desejo*, enquanto Louro utiliza *sexualidade*. Nesse contexto, não fazemos distinção entre os dois.

(se for adotada uma ótica de tolerância e complacência); ou serão relegados a um segundo plano (tendo de se contentar com recursos alternativos, restritivos, inferiores); quando não forem simplesmente excluídos, ignorados ou mesmo punidos (LOURO, 2009, p. 90).

Nos textos analisados nessa pesquisa, a reprodução desse alinhamento é perceptível de diferentes formas nas falas de uma série de leitores-comentaristas⁸, como citado abaixo:

Full Metal Jacket: Vôlei masculino é pra homem.⁹

[...] e kaliu alencar: Ele não é gay??? Porque sentir-se ofendido se o chamam de bicha? Se o chamassem de homem, homem, homem...aí sim ele deveria ficar ofendido, já que estariam contrariando sua vontade (“orientação”) sexual.¹⁰

Nas citações acima o termo *homem* é utilizado para se referir a um indivíduo heterossexual do sexo masculino. Assim, sexo e sexualidade são entendidos quase como uma categoria única, gerando um novo binarismo: homem/gay. Fixados no alinhamento sexo-gênero e no binarismo homem-mulher, alguns leitores-comentaristas acabam por definir o homossexual como um indefinido, um sem lugar, como é possível evidenciar no trecho a seguir:

Ronaldo Mitt: Uma coisa básica. Quando fiz o cadastro no UOL para fazer este comentário, me perguntaram pelo sexo; masculino ou feminino. Perceberam a sutileza, não existe outro. Se o cara opta por ser gay, não tem problema, aliás é problema dele.[...]¹¹

Outro leitor-comentarista vai mais adiante:

⁸ Utilizo o termo leitor-comentarista para me referir aos leitores que inseriram mensagens no fórum de comentários de alguma matéria analisada.

⁹ Comentário de reportagem do site do Estado de Minas, intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei,181976/>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹⁰ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando 'bicha', diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹¹ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

José Miranda Lima: [...] Ora, se o sujeito é homem, não pode ser gay, havendo assim, uma grande contradição. Ser gay, é a autonegação da condição de ser homem, é o desejo desenfreado e incontido do indivíduo, em ser mulher, embora possuir alguns atributos masculinos. Portanto, se o indigitado é "homem", por ser gay, há contradição.¹²

Na fala, o gay é tido não só como oposto ao homem, mas também como aquele que deseja ser uma mulher. Essa visão parece ser guiada pela necessidade de uma organização binária. Enquanto um indivíduo que se relaciona sexualmente com homens, o gay revelaria seu desejo de não sê-lo, enquadrando-se assim na única outra opção: ser mulher. De forma semelhante, em outros discursos propõem-se a simetria entre homossexuais e mulheres, como nos seguintes trechos:

Leo Augusto: Existem times de vôlei masculino e feminino. É só trocar o ofendido de time.¹³

Cristiano Neves da Silva: Também não entendi o boiola ficar ofendida¹⁴

@sojacity: Acho que esta é a hora de quebrar tabus e permitir que gays entrem no time feminino e as lésbicas migram para o masculino.¹⁵

Parece-me que a maioria dos leitores-comentaristas que utilizaram de artigos femininos para identificar Michael ou que afirmaram que ele deveria jogar em times femininos o fazem, acima de tudo, com intenções jocosas ou agressivas. Os discursos que afirmam a suposta impossibilidade de ser gay e homem simultaneamente são,

¹² Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹³ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da diretoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹⁴ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei,181976/>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹⁵ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando 'bicha', diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

assim, formas simbólicas de enfatizar o afastamento entre homossexuais e heterossexuais masculinos. Essa perspectiva reforça ainda a visão binária de homem e mulher. Se o gay não se enquadra dentro do modelo masculino imposto, automaticamente ele é qualificado como mulher.

Outro recurso também acionado é negar sua relação com qualquer dos dois sexos, incluindo-o dentro de uma terceira categoria que necessita ser marcadamente separada das demais:

Fernando TF: [...] Se continuar assim, melhor fazer um campeonato só para gays, pois não se encaixam em nenhum dos dois sexos conhecidos [...]¹⁶

Fatima Merola: [...] Vai entender essa gente “quase mulher”¹⁷

Eduardo Daniel: Eu tenho a solução para tal situação: Já que existe a liga masculina e a liga feminina, porque não se cria a liga GLBT??? Pronto!! A confederação de vôlei iria agradar a gregos e troianos, e ninguém encheria mais o saco!!¹⁸

Fernando TF: este terceiro sexo não quer se encaixar em nenhum dos dois...deveriam então criar mais uma modalidade: *vôlei nem-masculino-nem-feminino*.¹⁹

Em três das falas, representativas de um conjunto mais amplo encontrado na pesquisa, propõe-se que seja criado um espaço exclusivamente para os homossexuais. A

¹⁶ Comentário de reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹⁷ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹⁸ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro vence Cruzeiro e força terceiro jogo na Superliga”, de autoria da editoria do site, de 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/900524-volei-futuro-vence-cruzeiro-e-forca-terceiro-jogo-na-superliga.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹⁹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Cruzeiro é multado em R\$ 50 mil em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 13 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902110-cruzeiro-e-multado-em-r-50-mil-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012 (grifo do autor do comentário).

sugestão da constituição desses locais, comumente chamados de guetos homossexuais, é, assim, claramente uma estratégia segregacionista²⁰.

Seja por meio da transferência dos gays para os torneios femininos ou através da criação de uma liga própria, o objetivo a que se propõe é o mesmo: demarcar as diferenças entre heterossexuais e homossexuais, delimitando as fronteiras que os separam. O tom com que essa diferenciação acontece deixa claro que ela é acompanhada de uma hierarquização em que o gay é o desviante, o anormal, o inferior.

A expectativa de coerência nas relações sexo-gênero também foi notada:

Ana Carolina Ventura: Graças aos gays, hoje os evangélicos usam ternos, pois foram eles que desenharam os 108 moldes desde o século XVII e até o século XIX. Todos eram gays²¹

Watch Tower: Se o cara é uma moça e quer que a torcida fique calada, vai dançar balé.²²

Ainda que se reconheça a possibilidade da ironia ou humor em tais falas, há uma reiteração de que os valores associados aos homossexuais são os hegemonicamente ligados ao feminino, de forma a diferenciar os homossexuais de homens heterossexuais, sendo qualquer identificação entre eles algo impensável. Mais além, ao propor tais estereótipos, a flexibilidade das construções dos sujeitos é negada. As afirmações, contudo, não são dignas de estranhamento. Apesar de uma série de ações, executadas especialmente pelos movimentos feministas, terem desestabilizado sensivelmente as

²⁰ É importante deixar claro que entendo que a constituição da Liga LGBT não necessariamente é uma estratégia segregacionista. O que defendo é que o discurso demonstra que preocupação do leitor-comentarista não é o incômodo de Michael, mas sim o dos indivíduos que não toleram terem suas crenças e concepções sobre a sexualidade questionadas pela existência e visibilidade dos homossexuais. A “liga LGBT” seria, assim, uma forma de ocultar e silenciar o que, para eles, é indesejável.

²¹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Não importa se jogador tem namorado ou namorada, diz Bernardinho”, de autoria de Mariana Bastos, de 27 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/921425-nao-importa-se-jogador-tem-namorado-ou-namorada-diz-bernardinho.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

²² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

normatizações de gênero, em especial no cotidiano das mulheres, determinados espaços e atividades parecem ainda estar fortemente associadas a um ou outro sexo. Além disso, mesmo os padrões que na prática já foram desconstruídos ainda são, por vezes, usados para promover deboches ou ofensas.

Ainda que padrões heteronormativos possam ser notados em toda a nossa sociedade, o ambiente esportivo parece construir parâmetros comportamentais, no que concerne a gênero e sexualidade, ainda mais rígidos. É essa a tese que discutirei no próximo item.

A homofobia no cenário esportivo

Em um vídeo promocional da Agência Kick it out²³, órgão financiado por federações e ligas de futebol para reprimir o preconceito na modalidade, um homem é filmado fazendo atividades cotidianas: comprando jornal, pegando o metrô, chegando ao trabalho. Nesse trajeto, ele se dirige a uma série de pessoas de forma agressiva ofendendo-as usando termos de caráter homofóbico. Uma mensagem, então, é mostrada na tela: “Esse comportamento é inaceitável aqui”. Em seguida, o homem é visto em um estádio de futebol proferindo expressões semelhantes às anteriores, acompanhado dos dizeres: “então porque deveria ser aceitável aqui?”²⁴.

Esse vídeo desperta algumas reflexões pertinentes a este trabalho. Apesar da sociedade em que vivemos apresentar fortes padrões heteronormativos que regulam nossa sexualidade e comportamentos, as arenas esportivas destacam-se como espaço em que há maior permissividade para expressar tais construções de formas explícitas, ofensivas e agressivas. Assim, parece que, nesse ambiente, as normas que mantêm o

²³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1Bc6oEWgflk>> Acesso em: 08 nov. 2012.

²⁴ As mensagens são traduções livres do apresentado no vídeo, em inglês. Apesar da frase apresentada no final aparentemente ser uma pergunta, não há utilização de ponto de interrogação no vídeo.

alinhamento sexo-gênero-desejo possuem certa especificidade. Essa hipótese é reforçada nos textos analisados nesta pesquisa que, para justificar a naturalidade do ocorrido no episódio Michael, recorrem a argumentos ligados à constituição do cenário esportivo, como “isso é a forma como a torcida tradicionalmente torce”, “o jogador deve estar preparado para receber tais ofensas”, “outros casos como esse acontecem com frequência”, etc. O seguinte trecho do site de da *Folha de São Paulo*, resume tais discursos:

Marcio Andrade: Paulete [outro leitor-comentarista], esporte é isso mesmo. Sangue, violência, porrada, xingamentos. Parem de frescura, povão!²⁵

A fala deixa clara a visão de seu autor de que o esporte é um espaço em que certo grau de violência é permitido. As relações que se pressupõem entre violência e esporte, e entre violência e masculinidade são aspectos fundamentais para a compreensão da construção das representações que repelem os homossexuais dos cenários esportivos. Cabe, contudo, perguntar como tal entendimento se legitimou ao longo da constituição social do que chamamos de esporte.

O esporte, afirmam uma série de estudiosos²⁶, é um fenômeno moderno surgido do século XVIII, e mais marcadamente no século XIX, na Europa, em especial na Inglaterra. Ele teria surgido, segundo Bracht (1997) a partir da regulação (esportivização) de elementos da cultura corporal, tanto de origem popular quanto das elites, entre quais os jogos populares são os exemplos mais recorrentes. Nesse processo, as *public schools* (escolas públicas inglesas) foram espaços de grande importância histórica. Assim afirma o autor: “Vai ser nas escolas públicas que aqueles jogos (o caso

²⁵ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

²⁶ Bracht (1997); Melo (2004); Pires (1998); Betti (1998), entre outros.

clássico é o futebol) vão ser regulamentados e aos poucos assumir as características (formas) do esporte moderno.” (BRACHT, 1997, p.14). Junto à urbanização e à industrialização, o esporte desenvolveu-se e disseminou-se, para além dos limites europeus, como o símbolo do novo e do moderno, de certa forma negando os valores dos tempos que o precediam.

Elias e Dunning (1992) entendem que, nesse momento germinal do esporte moderno, essa manifestação emerge enquanto formas abrandadas de confronto, no qual são inseridos instrumentos de controle à violência mais rígidos do que os presentes em passatempos populares preexistentes.

Assim, os autores demonstram que, desde o seu surgimento, o esporte moderno baseia-se no conflito, se apoiando no difícil equilíbrio entre o enfado e a violência. Dessa maneira, defendem que, para que um jogo interessante e prazeroso se constitua, é necessário controle, algo que limite o grau de risco de ferimentos, mas também é fundamental que haja tensão e excitação pela oposição. O prazer que existe no jogo não está, então, apenas em um possível resultado vitorioso, mas sim em uma antecedência do prazer excitante e prolongada. Dessa forma, exemplificam os autores, ganhar um jogo com um placar elástico contra uma equipe muito inferior é demasiado efêmero e, com frequência, decepcionante.

Nessa perspectiva, a emergência das manifestações esportivas ocorre em meio a um processo mais amplo chamado de processo civilizador, o cerne da sociologia elisiana. Esse conceito foi criado a partir da análise dos processos que historicamente provocaram modificações com vias à regulação rigorosa dos modelos de conduta e

sensibilidade a partir do século XVI²⁷, em especial nos grupos de elite europeia – modificações essas que transbordariam para outros grupos e espaços. Assim, aponta o autor, as mudanças observadas nas práticas de lazer relacionadas ao controle da violência, possuem afinidades com o desenvolvimento das estruturas de poder inglesas, mostrando que o esporte é uma manifestação que não pode ser analisada de forma isolada da sociedade em que se encontra (ELIAS; DUNNING,1992). O processo civilizador é, então, fruto da articulação entre “a psicogênese da vida afetiva em seu foro mais íntimo – o medo, a vergonha, a delicadeza – e a sociogênese do controle das emoções por parte do Estado moderno” (HOLLANDA, 2009, p. 353). Dessa forma, nessa teoria, as esferas individual e social são consideradas indissociáveis²⁸.

Contudo, o reconhecimento de que houve uma construção histórica que associou atitudes de violência física e simbólica ao esporte não as torna naturais ou inquestionáveis. É pertinente apontar que uma série de práticas que seriam hoje, no contexto em que vivemos, consideradas intoleráveis, como combates entre humanos e animais ou o enforcamento público, já foram formas de divertimento em tempos antigos. Outras dinâmicas de violência, por sua vez, ainda que disfarçadas, ainda hoje são legitimadas como diversão, indicando a complexidade e aparente incoerência de

²⁷ Apesar de analisar as mudanças sociais a partir do século XVI, Elias e Dunning (1992), tal como Bracht (2005), também localizam a emergência do esporte a partir do século XVIII, e mais marcadamente da segunda metade do século XIX.

²⁸ Sobre esse processo, Toledo (2002) faz duas ressalvas²⁸. A primeira é a de que a consolidação do fenômeno esportivo em detrimento dos jogos deve ser relativizada, de forma a não transparecer a ideia corrente de que a transformação de jogo em esporte foi um fenômeno histórico contínuo e linear. Ainda que, por vezes, a teoria do processo civilizador transpareça essa visão, Dunning (1992a) afirma que as esferas responsáveis pelo controle de nossos impulsos²⁸, apesar de interdependentes, podem atuar em proporção ou direção diferentes, uma podendo impedir ou ameaçar o funcionamento da outra. Por meio dessa justificativa, o autor reconhece que as modificações tanto no que concerne às práticas de lazer – em especial o processo de esportivização dos jogos populares –, quanto a outros cenários sociais e políticos, não ocorrem, necessariamente, de forma linear, progressiva ou irreversível.

A segunda ressalva de Toledo (2002) diz respeito a uma atribuição de certos valores a essas manifestações – jogo e esporte – como traços inerentes, ora com vias a denúncia de características degradantes do esporte, ora valorizando seu aspecto pacificado – em comparação aos jogos – ou democrático. Naturalizar esses atributos pode prejudicar uma análise crítica sobre ambos os fenômenos.

nossos padrões de civilidade. Nesse sentido, posso citar programas veiculados na mídia que expõem imagens ou relatos de assassinatos, ou as ascendentes lutas de MMA²⁹.

Uma forma possível de se analisar como certos padrões comportamentais se mantêm ou se transformam ao longo da história é a partir da ideia de aprendizagem pela prática social.

A aprendizagem, como propõem Lave e Wenger (1991), ocorre em todos os momentos de nossa vida social, não pressupondo, assim, uma relação professor-aluno ou mestre-aprendiz. O aprendizado é entendido, nesse sentido, como algo que acontece cotidianamente por meio das relações que estabelecemos com outros indivíduos, com os objetos e com o espaço ao nosso redor. É, então, por meio da participação e do engajamento que a aprendizagem acontece. Nesse sentido, é interessante perceber que é bastante comum que pessoas desvinculadas ao futebol não compreendam a atitude de louvor dos torcedores para com “um grupo de pessoas correndo atrás de uma bola”. Isso ocorreria porque tais pessoas não fazem parte daquela comunidade e, ao não se engajarem, desconhecem as relações, as sensações e a lógica que constitui aquele contexto. Os próprios leitores-comentaristas chegam a afirmar que o torcer é algo que se aprende:

Valtervanio Araujo: Até parece que os paulistas nunca viram torcida de vôlei de minas gerais...esses chorões não viram nada! Na época do minas de Pelé e Cia valia jogar gelo e moedas na quadra pra desconcentrar os adversários, que por ironia também eram paulistas. *Aprendam a torcer* e respeitar a melhor torcida do brasil.³⁰

O aprendizado, dessa maneira, não compreende apenas o domínio de determinados gestos motores ou de certos conhecimentos, mas, sobretudo a

²⁹ Sigla em inglês para artes marciais mistas (mixed martial arts).

³⁰ Comentário da reportagem do site do Estado de Minas intitulada “Vôlei Futuro rebate Cruzeiro em nota oficial”, de autoria da Gazeta Press, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/06/noticia_volei,181199/>. Acesso em: 15 jan. 2012. (Grifo meu).

compreensão das lógicas que cada contexto possui. É essa a dimensão que o torcedor trata em seu comentário. Foi notado, também, que algumas respostas de leitores-comentaristas a textos anteriores questionam a legitimidade de certas opiniões devido a esse aparente desconhecimento dos padrões de funcionamento do esporte. É o caso do exemplo abaixo:

Marcio Andrade: Foi uma torcida xingando um jogador do time adversário. Nossa, que coisa hein? Nunca aconteceu na história do esporte mundial.

Rodolfo Valentino: Claro, daqui a pouco você vai dizer que vandalismo, brigas coletivas, homicídios também são coisas normais, sempre acontecem no futebol. Não confunda agrupamento de marginais com torcedores de um esporte.

Leo Bandeira: Você já foi a um estádio de futebol??? Acho que não, né? Comparar torcida xingando com homicídios é f. Daqui a pouco não vão poder nem vaiar... Faz o seguinte, Rodolfo Valentino, vá ao estádio, de preferência num clássico, Corinthians x Palmeiras, por exemplo. Quando o juiz anular um gol e a torcida começar a xingá-lo, você chama os torcedores de mal educados e vândalos.

Agora, como eu falei, quem não quer ser vaiado, nem xingado, pode jogar golfe (onde você não pode nem tossir que te olham de cara feia).³¹

Assim, na primeira fala, Márcio Andrade demonstra naturalidade no xingamento da torcida, apontando ainda que o fato é corriqueiro não apenas em nosso país, mas em todo o mundo. Em contraposição, percebe-se que Rodolfo Valentino vê o xingamento como algo grave, chegando a aproximar essa manifestação a atos de vandalismo, brigas coletivas e homicídios. A ofensa, para ele, não é um comportamento típico de torcedor, mas sim de marginal. A discordância no comentário seguinte, de Leo Bandeira, é defendida a partir dos dizeres “Você já foi a um estádio de futebol??? Acho que não, né?”. Ele, assim, desvaloriza os apontamentos de seu interlocutor identificando-o como um não-pertencente, alguém que, ao não frequentar jogos de futebol – e participar, se

³¹ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

engajar –, desconhece os padrões que ali se constroem, sendo então incapaz de compreender seus acontecimentos. Sob essa argumentação, parece que, para o leitor-comentarista, certos padrões de funcionamento do esporte estão fixamente postos, e a única explicação para o fato de alguém questioná-los seria não ser um participante desse espaço.

Uma forma complementar de analisar a questão é refletindo sobre a relação que os atores estabelecem com aquela atividade. É possível que as críticas tão exacerbadas de Rodolfo Valentino estejam cobrando comportamentos da torcida esperados em vivências associadas ao cotidiano, no qual o xingamento é uma ação reprovável. Já Marcio Andrade e Leo Bandeira, enquanto possíveis participantes legítimos do contexto esportivo, entendem a vivência do esporte sob uma natureza ritual, com um conjunto de valores, normas, proibições e permissões específicas. Dentro das regras específicas desse espaço, o xingamento é algo corriqueiro³². Nesse sentido, refletindo sobre o caráter ritualístico do futebol, Toledo (1993) afirma que:

Na percepção genérica dos torcedores, o acontecimento futebol é o momento e o lugar da permissividade, dos contatos verbais e corporais mais intensos e extremos, da subversão dos espaços, do ritmo das ruas e da ocupação dos equipamentos urbanos, trens, ônibus e metrô: irrupção de solidariedades, preferências, vontades gerais de grupos que se identificam e se contrapõem, mobilizando indivíduos em nações – corintianos, palmeirenses, são-paulinos, santistas, etc. (TOLEDO, 1993, p.21).

Em outra obra, o autor pondera, contudo, que a ritualidade do futebol em países como o Brasil está intimamente atrelada à sua rotinização e presença no dia a dia, articulada a outras esferas da vida social. Dessa forma, ele defende que o

[...] futebol é entre os esportes aquele que adquiriu historicamente uma centralidade como um dos possíveis articuladores dessas duas “formas de consciência” [realidade do cotidiano e realidade ritual] numa sociedade como a brasileira (TOLEDO, 2002, p.33)

³² Pondero que o fato de uma vivência ser de natureza ritual não a torna incólume a críticas e questionamentos.

Assim, a compreensão do fenômeno futebol perpassa a análise não apenas de seu caráter ritual, mas também de sua relação com o cotidiano. Ainda que tais reflexões tenham sido feitas no ambiente do futebol e o episódio de que trata essa pesquisa tenha ocorrido em um ginásio de voleibol, a dicotomia entre essas esferas – ritual e cotidiano – é presente no material analisado neste trabalho – tanto tratando do próprio futebol, quanto do voleibol – e será abordada ao longo deste item.

Retomando as ideias de Lave e Wenger (1991), entendo que a aprendizagem de tais comportamentos, normas e padrões não ocorre por uma mera transmissão de saberes outrora descobertos ou definidos por outras pessoas. Rejeitando qualquer teoria que proponha a internalização de conhecimentos pré-existentes, para os autores o conhecimento é constantemente construído e reconstruído ao longo do processo de aprendizagem. Apesar disso, os autores não negam a existência de um mundo culturalmente e socialmente estruturado que influencia na constituição das subjetividades de quem aprende (FARIA, 2008), mas sim enfatizam “a independência relacional do agente e mundo, atividade, significado, cognição, aprendizagem e conhecimento”, não hierarquizando a importância de nenhum desses elementos (LAVE e WENGER, 1991, p.50).

Em consonância com esse pensamento, Tim Ingold (2010) defende que tradições não se mantêm por meio de repetições acríticas de comportamentos e atribuição de sentidos das gerações seguintes. Para o autor, as continuidades ocorrem pelo que ele chama de “educação da atenção”, processo entendido como um “redescobrimento dirigido”. Assim:

[...] a contribuição de cada uma para a cognoscibilidade da seguinte não se dá pela entrega de um corpo de informação desincorporada e contexto-independente, mas pela criação, através de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação. Em vez

de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que *representam* aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos *ressoam* com os de seu ambiente. (INGOLD, 2010, p.21).

Sob essa ótica, não há uma essência do torcer que emerge naturalmente no indivíduo, nem mesmo há uma forma de fazê-lo apriorística, fixa, única e estável que é ensinada de uma geração à seguinte. Assim, de forma dinâmica, e não imposta ou fixa, torcedores de tênis costumam torcer sentados, aplaudindo apenas quando o ponto é finalizado, porque assim eles aprenderam que deve ser feito ao se engajarem na prática. De forma semelhante, torcedores de determinados países costumam apoiar seu time o tempo inteiro com gritos e cantos, enquanto os de outros são mais contidos, apreciando silenciosamente o espetáculo. Isso ocorre porque seus aprendizados, processos de educação de atenção e emergências a partir das relações estabelecidas na prática convergiram para pontos diferentes, em seu tempo, espaço e contexto particulares³³.

Analiso o torcer enquanto a preferência por um clube, materializada em uma relação afetiva e identitária, chamada por Damo (1998) de pertencimento clubístico. Apesar de, teoricamente, haver muitas maneiras de manifestar afeto para com o clube pelo qual se torce, essa construção do ser torcedor acabou por legitimar também formas específicas – representações – do torcer. Assim explicam os leitores-comentaristas:

w p:[...] xingar adversário de bicha ou de outra coisa é comum e faz parte do ambiente dos estádios e ginásios. Não é politicamente correto, mas sempre foi assim. Existe um manual de xingamentos permitidos? *Torcer é incentivar o seu time, atrapalhar o time adversário e pressionar o juiz.[...]*³⁴

³³ Importante pontuar que, mesmo dentro de padrões relativamente estáveis (em uma mesmo país, analisando grupos de uma mesma classe social e faixa etária, na prática de uma mesma modalidade esportiva, por exemplo), podemos, também, observar nuances e distinções no comportamento.

³⁴ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro critica multa dada ao Cruzeiro e ironiza STJD”, de autoria da editoria do site, de 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/902694-volei-futuro-critica-multa-dada-ao-cruzeiro-e-ironiza-stjd.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

O leitor-comentarista defende que não há precedentes para questionar as manifestações da torcida pelo fato do xingamento “ser comum”, “fazer parte do ambiente”. É interessante pontuar que, pelo fato dessas expressões agressivas serem atualmente corriqueiras, w p afirma que “sempre foi assim”. Esse entendimento é contrariado pelos estudos de Toledo (1993), que aponta que há algum tempo o palavrão era usado, contudo o era apenas de forma esporádica e explosiva, e que foi especialmente a partir da década de 1970 que começou a ser proferido em coro e com grande frequência.

Para o leitor-comentarista, ainda, o torcer é descrito a partir de duas ações básicas: incentivar o time e prejudicar o adversário³⁵. Por essa interpretação, o amor ao clube deve ser demonstrando por meios que colaborem para o seu sucesso nas partidas. Assim, as ofensas a Michael são vistas, também, como o cumprimento do papel da torcida para com sua equipe. Assim, quem não age dessa forma não é visto como torcedor, como demonstra o comentário:

Marcio Andrade: Tá provado que vôlei não tem torcida, tem platéia. Ê povo criado a leite com pêra...³⁶

Márcio Andrade entende que o fato das ofensas contra Michael terem provocado questionamentos demonstra que o público presente não se constitui de torcedores, entre os quais essa forma de manifestação é normal e necessária. Eles seriam, então, uma plateia que, ao assistir a um espetáculo, deve portar-se de forma educada e controlada. Tal grupo é, ainda, desqualificado, tido como “povo criado a leite com pêra”, expressão

³⁵ Entendo que as ações de pressão ao juiz podem ser inseridas em ambas as linhas, pois visam tanto ao benefício próprio, quanto ao prejudicando ao adversário.

³⁶ Comentários da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

jocosa que se refere a pessoas que receberam zelo excessivo em sua criação, vindo a se tornar adultos mimados e polidos em demasia. Assim, o leitor-comentarista coloca em oposição os mimados *espectadores*, aos corajosos e viris *torcedores*.

Ainda sob essa perspectiva, o torcer vai além de um momento individual de diversão, no qual se obtém prazer ao desfrutar de um espetáculo. Ele se relaciona também com as ações altruístas de dedicação ao time, em prol de seu sucesso e sua honra. Tal entrega apenas se justifica pela relação de vínculo que se estabelece entre clube e torcedor, o já citado pertencimento clubístico.

Essa permissividade é usufruída especialmente pelas manifestações verbais e gestuais do torcedor. Focando na primeira categoria, mais afeita a este estudo, Toledo (1993) observa quatro modalidades de expressão: vaias, xingamentos, cantos e/ou gritos de guerra. O autor divide, ainda, os cantos e gritos de guerra dentro de quatro categorias: os de incentivo ao time preferido ou a personagens específicos (jogadores, treinador, ídolo, etc); os de protesto em razão de situações diversas; os intimidadores (visando a adversários, juízes, torcedores do outro clube, etc.); os de autoafirmação das próprias torcidas. Em todas as categorias, Toledo (1993) identifica a presença dos palavrões, nos quais a temática da sexualidade é constante. Obviamente, as atribuições desses acontecem de forma distinta em cada um dos casos. Em sua pesquisa, assim como nesta, os dados demonstram que enquanto as palavras de incentivo e autoafirmação fazem referência a atributos masculinos de força e virilidade, os de protesto e intimidação com frequência referem-se à passividade sexual do adversário

Toledo (1993), ainda na pesquisa na qual analisa a comunicação entre torcedores de futebol, identifica que muitas vezes atributos utilizados para ofender os torcedores adversários são assumidos por eles, esvaziando seu caráter negativo. É o caso, por

exemplo, dos torcedores do Corinthians, que aceitaram os adjetivos de “favelados” e “cachorros”, de forma a reforçar sua identificação como um time do povo. Contudo, esse processo não é observado quando tratamos de termos que fazem alusão à sexualidade ou à feminilidade³⁷. Assim, enquanto muitas vezes as próprias torcidas se autodenominam “cachorrada atleticana”, “maloqueiros corintianos”, “porcos palmeirenses”, etc., é impensável que a torcida do Cruzeiro assuma a alcunha de “marias”, ou o São Paulo de “bambis”. Enquanto um conflito imaginário³⁸ de classe entre clubes de elite e clubes de massa pode ser teatralizado na rivalidade entre duas equipes, o mesmo não se percebe quando tratamos de conflitos de gênero ou de sexualidade. A heteronormatividade da sociedade, somada à masculinidade, virilidade e agressividade associada ao esporte, praticamente impede qualquer torcida de aceitar atributos ligados ao homossexual ou à mulher.

Destaco, assim, que o cerne do questionamento acerca do ocorrido no episódio Michael não é a conduta da torcida, vista de modo genérico como atos de incentivo ao clube e prejuízo ao adversário, como propuseram alguns leitores-comentaristas previamente citados. O que, de fato, gerou tamanho conflito foi o teor das expressões que visavam comprometer o desempenho adversário. O conteúdo homofóbico é o que gerou o questionamento. Assim, os discursos analisados que criticam a torcida celeste não propõem, necessariamente, uma ruptura nas maneiras estabelecidas de se torcer,

³⁷ Esse apontamento está tratando especificamente do contexto futebolístico. Em um contexto não esportivo, o deslocamento de sentidos de expressões referentes à sexualidade tem como um exemplo clássico o termo *queer*. O termo, que, em inglês, quer dizer estranho ou esquisito, se tornou uma gíria para designar ofensivamente os homossexuais masculinos, com significado semelhante ao termo brasileiro “bicha”. Contudo, o significado pejorativo, foi ressignificado como algo positivo ao passar a ser utilizado por homossexuais como um conceito que remete à radicalização de normas sexuais e de gênero.

³⁸ Afirmando que o conflito é imaginário, pois o fato de as torcidas se dizerem “populares” ou “elitizadas” está no plano do discurso, sendo as torcidas de grandes clubes bastante heterogêneas, incluindo torcedores oriundos de diversas classes sociais.

mas demandam mudanças, rejeitando uma suposta fixidez e estabilidade desses padrões, havendo um limite para a liberdade de expressão das torcidas.

Em outros comentários, por sua vez, o torcer parece condicionado ao enquadramento do vôlei a determinados estereótipos de esporte, estabelecendo padrões de comportamento para todos os seus agentes: jogadores, comissão técnica, torcedores, espectadores de TV, cobrados a portar-se de forma coerente com a representação construída e alimentada dessa modalidade. Foi possível organizar esses estereótipos dentro de dois pares de oposição: esporte de elite x esporte de massa, e esporte de bicha x esporte de macho. Em ambos os casos, o futebol é utilizado enquanto elemento importante para situar o vôlei.

Na fala abaixo, temos um exemplo do distanciamento do vôlei e do futebol, sendo o primeiro visto como esporte de elite e o segundo como esporte de massa:

Rodolfo Valentino: Um dos piores erros do voleibol é permitir que a torcida de futebol se misture com o público do vôlei. O que é um esporte familiar, saudável em breve pode ser tomado por atos de vandalismo, agressões mútuas, homicídios e toda a barbárie que todos nós conhecemos dos jogos de futebol.³⁹

O comentário defende que a torcida do futebol e do vôlei são grupos de pessoas necessariamente diferentes. Enquanto o público do primeiro seria formado por famílias, o do segundo seriam vândalos, agressores, assassinos. Percebe-se ainda que sob o conceito de “esporte familiar” o autor parece afirmar que esse lugar apresenta uma ambiência segura e convidativa para mulheres e crianças, vistas como grupos frágeis. A descrição do que observa no futebol – “tomado por atos de vandalismo, agressões mútuas, homicídios e toda a barbárie” – é colocada, ainda, não como um ponto de vista, mas como uma verdade, ao dizer que é um cenário que “todos nós conhecemos”. O

³⁹ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vôlei Futuro reclama de homofobia em Minas; Cruzeiro rebate”, de autoria da editoria do site, de 4 de abril de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2012.

torcedor nega, ainda, a possibilidade de que uma mesma pessoa possa interessar-se pelos dois esportes. Em sua visão, torcedores de futebol e de voleibol são necessariamente grupos distintos, não apenas formados por pessoas diferentes, mas com características divergentes.

Outros comentários, por sua vez, situaram o vôlei ao lado do futebol como um esporte de massa, como no seguinte exemplo:

Otavio Viegas: A intenção era desestabilizar o jogador para que seu time perdesse a partida. Só isso. É um jogo de vôlei, e a torcida quer derrubar o time adversário. Não era um jogo de tênis em que os torcedores se comportam como lords.⁴⁰

A oposição aí se faz com o tênis, esporte com baixo número de espaços públicos para a prática e com alto custo de equipamentos, dificultando ou inviabilizando a prática pelas camadas populares, justificando o imaginário. Além disso, não é comum que haja vaias ou manifestações visando atrapalhar o atleta adversário. Tal comportamento da torcida é entendido, assim, como típico de um esporte de elite.

Além do enquadramento em esporte de massa ou esporte de elite, outra classificação também foi proposta: *esporte de macho x esporte de bicha*⁴¹.

Mind Munch: Desde quando torcedor de vôlei tem moral para questionar a orientação sexual de alguém? Hahaha⁴²

Nos casos acima, o voleibol é enquadrado como um esporte de homossexuais, um *esporte de bicha*. Como já discutido, defendo que tais associações são fruto de um falso alinhamento sexo-gênero-desejo. Assim, o homem “verdadeiro” deveria praticar

⁴⁰ Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Vi um ginásio inteiro gritando 'bicha', diz Michael”, de autoria de Mariana Bastos, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898787-vi-um-ginasio-inteiro-gritando-bicha-diz-michael.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

⁴¹ Proponho o uso de tais termos – macho e bicha –, pois foram recorrentemente usados nos comentários de leitores para se referir aos estereótipos do homem heterossexual – agressivo, rude, interessado por práticas físicas – e do homem homossexual – sensível, frágil, efeminado – respectivamente.

⁴² Comentário da reportagem do site da Folha de São Paulo intitulada “Equipes trocam acusações em caso de homofobia no vôlei”, de autoria da editoria do site, de 6 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/899157-equipes-trocam-acusacoes-em-caso-de-homofobia-no-volei.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

atividades “de homem”, *esportes de macho*, entre os quais o futebol é exemplo recorrente. A fala dos leitores-comentaristas enquadra o vôlei fora desse leque de atividades de macho. Dentro dos padrões de gênero, por conseguinte, o vôlei é considerado uma atividade de mulheres e ao praticá-lo, um homem tem, automaticamente, suspeitas levantadas sobre a sexualidade. Dessa forma, segundo propõem os leitores-comentaristas, enquanto prática tipicamente feminina, o vôlei atrairia homossexuais, tanto nas quadras, quanto nas arquibancadas.

Outros comentários, contudo, sem se ater a questão *esporte de bicha e esporte de macho*, defendem que o vôlei masculino deve ser praticado por homens. Contudo, tais apontamentos se valem do alinhamento sexo-gênero-desejo para excluir os homossexuais da categoria homem e, por consequência, do vôlei masculino, como se observa:

Full Metal Jacket: Vôlei masculino é pra homem⁴³

Assim, na citação acima, o leitor-comentarista, ao dizer que o “vôlei masculino é para homens”, além de inferir que essa é uma modalidade fechada às mulheres, parece se referir a um modelo específico de homem no qual Michael não se adequa, por ser homossexual, mas também – e, talvez, principalmente – por ser assumido e não apresentar o estereótipo de virilidade.

Percebe-se, assim, que uma série de valores é associada ao vôlei e ao futebol e que eles não são necessariamente unânimes ou coerentes. Como já dito anteriormente, não é possível determinar que foi o deslocamento de um grupo de torcedores de futebol – em alguns argumentos, oriundos das classes sociais baixas – para os ginásios de vôlei

⁴³ Comentário da reportagem do site de O Estado de Minas intitulada “Cruzeiro faz a festa da torcida, atropela Vôlei Futuro e chega à decisão inédita”, de autoria de Vicente Ribeiro, de 15 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.superesportes.com.br/app/1,15/2011/04/15/noticia_volei,181976/>. Acesso em: 15 jan. 2012.

que provocaram o surgimento de manifestações como as proferidas contra Michael. Pode-se afirmar, contudo, que, de forma geral, essa foi a explicação, a narrativa, a verdade predominante entre os leitores-comentaristas, expondo a percepção de um deslocamento dos padrões de comportamento daquele espaço. Assim, seja no clamor pela manutenção de um suposto ambiente mais harmônico ou pacífico, ou pela naturalização de modos mais agressivos de torcer, ambas as perspectivas apontam para modificações geradas não necessariamente – ou unicamente – pelo trânsito de pessoas, mas, sobretudo pelo trânsito de valores, discursos, modos de agir e de pensar sobre um espaço e uma atividade.

Representações estereotipadas e seus desdobramentos no campo do lazer

Dumazedier (1973) definiu o lazer como o

conjunto de ocupações aos quais os indivíduos podem se entregar de *livre vontade*, seja para repousar, seja para recrear-se, entreter-se, seja para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se das obrigações profissionais, familiares, e sociais (DUMAZEDIER, 1973, p. 34, grifos meus).

Outros autores também utilizam termos que se referem à liberdade para caracterizar a vontade que dita as escolhas do que fazer nos momentos de diversão, como no exemplo abaixo:

Compreende todas as atividades *espontâneas*, prazerosas e criadoras, que o indivíduo busca para melhor ocupar seu tempo livre. Deve principalmente atender aos interesses das diversas faixas etárias e *dar liberdade de escolha* para que o prazer seja gerado (GUERRA, p.12, 1985, grifos meus).

A presença dessas expressões parece demonstrar que o caráter de liberdade/escolha tem um sentido importante dentro do que consideramos lazer. Contudo, é notório que uma série de constrangimentos sociais interfere nessas escolhas fazendo com que elas não sejam tão espontâneas ou livres como poder-se-ia supor. Entendo que alguns desses fatores precisam ser amplamente problematizados, pois

ajudam a reiterar padrões que depreciam os sujeitos que não se enquadram às normas impostas. Esse é o caso das representações do *ser mulher* e do *ser homem*, tanto no que tange a questões de gênero, quanto de sexualidade.

Parece-me claro que a construção de padrões que legitimam a participação em determinadas atividades – no caso analisado, atividades esportivas – potencialmente afasta os sujeitos que não se adéquam. Alguns estudos que analisaram práticas de lazer de homossexuais reforçam essa percepção.

Cunha Jr. e Melo (1996), em pesquisa junto a um grupo de dez homossexuais masculinos, mostram que a educação física escolar foi apontada como um espaço que contribui para o estabelecimento de preconceito e discriminação. O professor de Educação Física é apontado, ainda, como um cúmplice disso, seja ignorando atos de preconceito dos demais alunos, reiterando estereótipos em seus discursos, ou até mesmo impedindo os homossexuais de frequentar as aulas. Ainda que as atividades desenvolvidas durante aulas de educação física não configurem, a princípio, como vivências de lazer, tal disciplina pode atuar enquanto importante espaço para conhecer, explorar e desenvolver interesses – ou, por outro lado, sentimentos de rejeição – relativos a manifestações da cultura corporal.

Em outro estudo, Knijnik (2006) demonstra que a escolha de determinadas práticas de lazer coloca a sexualidade desses praticantes sob suspeita, demandando certas atitudes compensatórias. Tratando especificamente do futebol, o autor demonstra que as praticantes mulheres, de forma a minimizar os questionamentos sobre sua heterossexualidade, são cobradas a expressar características tradicionalmente ligadas ao feminino, especialmente vaidade e delicadeza.

Vale lembrar também que, no ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol organizou um campeonato estadual de futebol feminino, chamado de Paulistana. No torneio só era permitida a participação de atletas na faixa etária de 17 a 23 anos e que tivessem cabelo comprido. Essas prerrogativas, segundo os dirigentes, visavam constituir um campeonato bom e bonito, unindo o “futebol à feminilidade” (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003). Knijnik (2006) demonstrou, ainda, que mesmo após a exclusão de tal norma em campeonatos posteriores, as atletas revelam que algumas equipes continuam a fazer esse tipo de seleção estética.

Essas pesquisas demonstram que manifestações muitas vezes tidas como simples brincadeiras, piadas ou hábitos cotidianos são capazes de gerar sofrimento e opressão. Nesse sentido, é fundamental que também as formas cotidianas e veladas de preconceito sejam expostas e questionadas.

A análise empreendida nesse trabalho sobre os textos que circularam a partir do episódio Michael revelam como posicionamentos heteronormativos e homofóbicos são recorrentes na sociedade. Mais além, demonstra, também, que sob uma expectativa de alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade os discursos e práticas normatizantes regulam não apenas nossa sexualidade, mas todo o uso de nossos corpos.

Ainda que nesse texto o foco de tal controle tenha sido um atleta profissional, o conteúdo das falas analisadas e/ou seus desdobramentos não se restringem ao esporte de alto rendimento. Parece evidente que os estereótipos construídos com relação às homossexualidades e aos esportes transbordam o terreno que concerne especificamente a Michael. Sinal disso é que não seria difícil imaginar cena semelhante em um jogo recreativo em uma praça ou uma escola. Assim, esse episódio é uma reflexão que concerne ao lazer, sobretudo, por dois aspectos: 1) por abordar o torcer, uma prática de

lazer extremamente popular, vivenciada em estádios ou ginásios, mas também através dos meios de comunicação – televisão, rádio, internet – e no próprio cotidiano, frequentemente interpelado por manifestações de pertencimento clubístico; 2) por discutir uma manifestação de preconceito que, por ocorrer em um espaço de alta visibilidade, o esporte de alto rendimento, influencia nas representações acerca do esporte, disseminando discursos sobre quem deve ou não participar de tal atividade.

Acerca desse segundo aspecto, enfatizo o poder que o esporte-espetáculo possui na atualidade. A indústria do esporte movimenta quantias de dinheiro exorbitantes, os esportivos são eventos que mobilizam governos de cidades e países, os atletas são tratados como celebridades e, para a manutenção e desenvolvimento dessa máquina, a mídia atua com protagonismo. Diante de sua ampla repercussão midiática, o esporte de rendimento se torna, assim, um referencial do que é o esporte para as pessoas, desde a sua infância. É inegável, assim, que o que ocorre dentro das arenas esportivas se torna, em alguma medida, um parâmetro para os outros espaços esportivos e sociais. Dessa forma, a manifestação de repúdio à homossexualidade de Michael não só é um efeito da heteronormatividade e da homofobia da sociedade, mas, quando repercutida pelos meios de comunicação e por sujeitos em seu cotidiano como algo normal, torna-se, também, um elemento que contribui para alimentar tais preconceitos.

Ao campo do lazer, seja em espaços de intervenção ou no meio acadêmico, fica o dever de investigar e intervir sobre esses mecanismos de regulação dos corpos, possibilitando que todo sujeito, independente de suas identificações e objetos de afeto e desejo, tenha liberdade de vivenciar as tantas possibilidades culturais que o mundo apresenta.

REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. New York: Routledge, 2006.

_____. Sex and Gender in Simone de Beauvoir's Second Sex. **Yale French Studies**. Simone de Beauvoir: Witness to a Century. n. 72, p. 35-49, 1986.

CUNHA JR, Carlos Fernando Ferreira de.; MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. **Movimento**, Porto Alegre, v.3, n.5, p. 18-24, 1996.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro através do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 257f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

ELIAS, Norbert. Introdução In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social**: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte. 2008. 229f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GUERRA, Marlene. **Recreação e Lazer**. Porto Alegre: Sagra, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Representation**: cultural representations and signifying practices. California: Sage Publications/Open University, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, Jan./Abr. 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman, VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Sem impedimento: coração aberto às mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, João Ricardo. **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.

_____. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. 475 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar? **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.12, n.2, Mai./Ago., 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, v. 9, p. 541-553, 2001.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MELO, V. A.. Esporte. In: GOMES, Christiane (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 80-84. v.1.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução aos estudos dos processos de apropriação do fenômeno social esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

_____. Por que xingam os torcedores de futebol? **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 3, p.20-29, 1993.

Endereço da Autora:

Luiza Aguiar dos Anjos
Rua Santa Juliana, 75/107B. Bairro Salgado Filho.
CEP 30550-220 – Belo Horizonte/MG
Endereço Eletrônico: lucianaonice@gmail.com